

A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO DA RECONQUISTA DOS VALORES ÉTICOS NA SOCIEDADE ATUAL

EDUCATION AS A WAY OF RE-ACQUIRING THE ETHIC VALUES IN THE CURRENT SOCIETY

Mauro Henrique dos SANTOS¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar um convite aos educadores, incluindo-se professores, para uma reflexão sobre o papel dos valores éticos não só no relacionamento entre indivíduos, mas também com a sociedade em geral. Nesse âmbito de relacionamento, a educação, tanto formal como informal, pode instaurar-se como um conduto essencial na divulgação dos valores ético-morais, os quais, de acordo com abordagens de diversos autores, foram preteridos pela sociedade mundial bem como pela escola, resultando na crise moral hodierna. Por meio da análise de determinadas abordagens sobre o assunto, buscou-se encontrar uma perspectiva de solução para tal crise pela via educacional.

Palavras-chave: Valores Éticos; Sociedade; Educação.

ABSTRACT

This article has the purpose of inviting educators, including teachers, for a reflection on the role of ethical values in the relationship among individuals, and their relationship with society in general. In the scope of relationship, both formal and informal education may be established as an essential conduct in disclosing the ethical-moral values, which, according to approaches by a number of authors, were neglected by the world society as well as by the school, resulting in the current moral crisis. Through the analysis of certain approaches on this subject, a perspective of solution for such a crisis was sought by educational means.

Key words: Ethical Values; Society; Education.

⁽¹⁾ Mestre em Educação pela PUC–Campinas. Professor de Língua Portuguesa e Matérias Pedagógicas do Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP. E-mail: <maurohsantos@uol.com.br>.

INTRODUÇÃO

Pensando na ética como um conjunto de princípios e valores que orientam as relações humanas, torna-se evidente a sua relação implícita com a sociedade que, por sua vez, tem na educação o caminho pelo qual transitam os valores ético-morais.

Ética e Sociedade

Discorrendo sobre o papel da ética na sociedade, Rodrigues e Souza (1994, p.13) apresentam a primeira desenvolvendo importante papel na construção da última. Dessa maneira, se prevalece o sentimento ético na sociedade, esta parece manter-se bem estruturada e organizada; se falta esse sentimento, a sociedade poderá entrar em crise auto-destrutiva.

Sobre ética e sociedade, Vázquez (2000, p.23) afirma: “Ética é a teoria ou a ciência do comportamento moral dos homens em sociedade, ou seja, é a ciência de uma forma específica de comportamento humano.” No mesmo sentido, Nalini (2001), jurista e escritor paulista, assevera:

A sociedade é uma união moral estável de uma pluralidade de pessoas propostas ao atingimento de finalidades comuns, mediante a utilização de meios próprios. É um grupamento permanente, não transitório. É uma união moral vinculada por laços fortes de solidariedade, não meramente accidental. A sociedade surge de maneira natural, pois o homem é o animal político por excelência e só realiza os seus objetivos individuais se conseguir aliar a própria força à dos demais (NALINI, 2001, p.150).

Outra abordagem significativa sobre ética e sociedade é a de Morin (2001). Seu enfoque recai sobre o distanciamento contínuo das pessoas causado pelo efeito da mundialização. Há um processo de transferência da atenção dada às pessoas para a atenção dada a uma sociedade globalizada. Nesse processo, as pessoas perdem

a identidade, e, conseqüentemente, perdem seus valores. Ocorre assim o que pode ser chamado de paradoxo da mundialização ou globalização. O mundo se torna cada vez mais uno enquanto a sociedade se torna cada vez mais dividida, e, como decorrência, mais egoísta. Atrás da aparente unidade comercial, vêem-se os conflitos sociais; atrás da aparente união de países e de grupos, vêem-se disputas de nação contra nação, religião contra laicização, modernidade contra tradição, ricos contra pobres, norte contra sul, evidenciando um crescente antagonismo. Nesse cenário de disputas e competição, a compreensão dos valores individuais dão lugar aos valores exclusivamente materiais, em busca do lucro, em detrimento do compromisso solidário. Nesse sentido, Morin enfatiza: “É necessário ter noção mais rica e complexa do desenvolvimento humano, não somente material, mas também intelectual, afetiva e moral” (MORIN, 2001, p.70).

E continua:

Devemos relacionar a ética da compreensão entre pessoas com a ética da era planetária, que pede a mundialização da compreensão. A única verdadeira mundialização que estaria a serviço do gênero humano é a da compreensão, da solidariedade intelectual e moral da humanidade (MORIN, 2001, p.102).

No âmbito da ética da compreensão, Morin (2001) desenvolve uma abordagem sobre uma nova visão de interação do indivíduo e da sociedade. Essa interação se processaria tendo por base a ética propriamente humana, chamada por ele de antro-po-ética, a qual se desenvolve numa associação de três termos: indivíduo, sociedade e espécie. Dessa associação emergem a consciência do indivíduo e seu espírito propriamente humano, que seria a base para o ensino da ética no futuro.

E prossegue o raciocínio afirmando que a antro-po-ética compreende a esperança da humanidade, como consciência e cidadania planetária. Por um lado, compreende a aspiração e a vontade; por outro, aposta no incerto. E conclui: “Ela é consciência individual além da individualidade.” (MORIN, 2001, p.106).

No mesmo sentido, Puig (1998, p.32-33), comentando a relação entre moral e sociedade, faz menção ao ponto de vista de Durkheim, para o qual os valores morais têm origem em uma entidade superior, e aparecem, portanto, como uma imposição externa ao indivíduo; quando não têm origem nas crenças religiosas acabam caindo em nova autoridade externa e heteronômica – a sociedade. Esta se define como entidade geral essencialmente supra-individual e superior a todos os grupos que a compõem. Assim, as ações morais do indivíduo correspondem a um grupo de regras estabelecidas pela sociedade. Os fins morais seriam aqueles cujo objeto é a sociedade, e agir moralmente será agir por interesse coletivo. Dessa forma, o comportamento moral significa adesão, solidariedade e vinculação ao grupo social.

Aqui entra em jogo a autonomia da liberdade. Como o indivíduo pode ser livre se está subordinado aos ditames de normas externas em detrimento dos ditames de sua consciência? Como conciliar a moral externa e as escolhas pessoais? Para uma conciliação, Puig (1998) apresenta a solução proposta por Durkheim. Nessa proposta usam-se como imagem as ciências naturais:

O único modo de ser livre perante a natureza é conhecer suas leis e utilizá-las sem a intenção de forçá-las. Da mesma forma, a sociedade possui um conjunto de regularidades morais cuja certeza nos é imposta como leis naturais, e diante das quais só é possível ser livre reconhecendo as razões por que nos são impostas, aceitando-as, portanto, como racionais e agindo conforme indicam. A autonomia moral é o reconhecimento pessoal da necessidade das normas da sociedade, e portanto a mudança do que era exterior para o interior da consciência individual (DURKHEIM apud PUIG, 1998, p.33-34).

Nessa linha de pensamento, o indivíduo reconhece que os valores ético-morais existem para o interesse coletivo, isto é, visando ao bem comum. Ética, portanto, atuaria como a arte da convivência, como a capacidade de conviver não

somente com os próximos, mas também com os outros, os diferentes.

Outro autor que se tem esmerado na discussão sobre ética e sociedade é Goergen (2001). Com muita propriedade, em seu artigo Educação Moral: Adestramento ou reflexão comunicativa?, responde ele àqueles que defendem a omissão da educação moral: “Quem nega a possibilidade de desideratos mínimos, nega a própria moral e começa a falar de outro assunto.”

E continua:

Quero deixar claro que esta dimensão é inerente e indispensável para uma educação moral numa sociedade que apresenta um quadro profundamente preocupante de miséria, fome, desigualdade social, agressão do meio ambiente e desenvolvimento científico-tecnológico cujas conseqüências causam marginalização e a morte de milhões de pessoas e colocam em risco o futuro da própria espécie humana (GOERGEN, 2001, p.169).

Chama o autor a atenção ainda para os princípios mínimos inegociáveis. Esses princípios são o respeito à dignidade, à vida, ao meio ambiente e a afirmação de uma atitude de solidariedade.

Pelas diversas abordagens aqui apresentadas e outras similares, pode-se concluir que ética, sociedade e educação estão intimamente relacionadas. A educação parece ter o dever de interpretar o papel da ética como elemento de conexão do grupo social e, ao mesmo tempo, transmiti-la aos educandos. E essa transmissão deve ser feita não impositivamente, mas de maneira participativa e vivenciada.

Ética e Educação Escolar

Nos tempos em que vivemos, quando a desestruturação da família torna-se fato marcante,

a educação formal ou escolar parece assumir a responsabilidade, cada vez maior, da formação plena do educando. Desse modo, a escola não pode fugir desta responsabilidade.

A legislação educacional brasileira apregoa que “educação é dever da família e do estado”, porém, aos poucos, se percebe que, com a crescente desestruturação familiar, aumenta a responsabilidade do estado representado pela escola. E, nesse sentido, a escola responsabiliza-se também pela transmissão de valores e pelo desenvolvimento moral dos educandos, considerando-os como base para o relacionamento social.

Segundo Goergen (2001, p.148), o tema da ética tornou-se central na reflexão pedagógica da atualidade. Essa preocupação é derivada dos problemas sociais ecológicos e comportamentais existentes. A origem de tais problemas seria produto da enorme intervenção científico-tecnológica e da desestabilização dos valores tradicionais que serviam de orientação para a relação dos homens com a natureza e dos homens entre si.

Deduz-se da leitura do autor citado que a escola vive um dilema: assumir ou não tal responsabilidade diante da tendência dos grandes pensadores de abandonar definitivamente a ética universal, metafísica e teológica. Além disso, depara-se, de outro lado, com a preocupação com a busca de fundamentação para os valores da ética atual.

Observando esta problemática, Goergen (2001) afirma:

(...) o vazio aberto entre a persistência da preocupação ética e o abandono das abordagens tradicionais precisa ser preenchido novamente com reflexões que decorrem do transformado ambiente contemporâneo. Não se trata da elaboração de um novo cânon de valores e perspectivas capazes de orientar a prática pedagógica, mas da aproximação reflexiva ao problema, seus paradoxos e perspectivas (GOERGEN, 2001, p.151).

Na visão do mesmo autor, “permanece uma tensão entre a tese central de Kant, de um suposto universal, e a perspectiva posterior de uma relativização sem limites. Em uma linha de entendimento entre os dois extremos parece estar a luz necessária para o estabelecimento de uma educação moral equilibrada. Esse enfoque torna-se imprescindível, tendo em vista a profunda desorientação gerada pelo ambiente de pluralidade social e desestabilização dos valores tradicionais. A partir desse ponto de vista, qualquer projeto de formação moral “exige impreterivelmente o estabelecimento de princípios universais mínimos que sejam vinculantes para todos” (GOERGEN, 2001, p.159).

Goergen (2001) preocupa-se ainda com a situação paradoxal em relação à educação moral. De um lado, cresce a exigência de uma educação moral necessária à formação da infância e juventude, e, de outro, cresce a influência daqueles que rejeitam a fundamentação da própria moral. E para embasar seu ponto de vista, cita Cullen:

Torna-se cada vez mais difícil relacionar a legitimidade das normas com alguma fonte de autoridade e de respeito. (...) Simultaneamente nunca, como hoje, falou-se de ética em todos os campos da atividade social, em todos os tipos de discursos possíveis (GOERGEN, 2001, p. 160).

Pelo que se deduz das afirmações anteriores, os fundamentos da educação moral foram precarizados, resultando na relativização das certezas baseadas na teologia e na metafísica. Nesse ambiente de insegurança é que a escola caminha para um beco sem saída. Contudo, numa época em que a família se desintegra e demonstra a mesma insegurança da sociedade, omitindo-se da responsabilidade de educar, parece não existir outra saída a não ser a escola assumir a difícil tarefa da formação do educando.

Castanho (2000), educadora da PUC-Campinas, escrevendo sobre a situação do ensino nos tempos atuais, afirma:

É unânime a percepção de que vivemos, nacional e internacionalmente, uma época

muito especial, caracterizada por profunda crise política, econômica e ética. Cultural, enfim, no sentido mais amplo da palavra. Sendo assim, toda a vida institucional ressenha-se da atmosfera dominante que apresenta dramas e traumas os mais variados. Disso não escapa todo o sistema educacional e escolar, mesmo a educação superior, tema da presente obra. (...) No ensino superior, é preciso pensar a formação de jovens com autonomia intelectual, com paixão pela busca do conhecimento, com postura ética que os torne comprometidos com os destinos da sociedade humana (CASTANHO, 2000, p.76-77).

As teorias pedagógicas se apresentam impregnadas do espírito neoliberal da época. A mentalidade instrumental tende a conduzir a educação ao esquema utilitarista, perdendo de vista os valores humanos que dizem respeito à vida, às relações sociais, à dignidade humana e à solidariedade.

Refletindo sobre esta problemática, Martinelli (1998, p.107), divulgadora do Programa de Educação em Valores, enfatiza que a maior parte dos problemas nacionais, sociais, políticos, econômicos, administrativos, deve-se ao fato de os dirigentes terem sido educados num sistema dirigido ao sucesso econômico e profissional a qualquer custo, o que gerou individualismo, corrupção e violência nas instituições e na população em geral. Os valores éticos e espirituais, relegados ao segundo plano e até ridicularizados, resultaram em superficialidade, consumismo e egocentrismo.

Diante desse quadro de preterismo dos valores ético-morais, a escola encontra-se numa situação paradoxal: como pode ela modificar o destino de uma sociedade que tem como prioridade os valores materiais, e ao mesmo tempo ser mantida por esta mesma sociedade? Essa mudança seria utopia, porém as grandes realizações geralmente nasceram de utopias.

Em se tratando da ética e da moral relacionadas com a educação, Freire (1996, p.37) afirma que “não é possível pensar os seres

humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela.”

No mesmo raciocínio, Freire ainda afirma, em assunto relacionado com a educação utilitarista, que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Nesse sentido, opina: “o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar” (FREIRE, 1996, p.37).

Na mesma obra, Freire discute ainda a necessidade de promover o educando da ingenuidade à criatividade; porém, segundo ele, tal promoção ou mudança não pode e não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética.

Barrere e Martucceli (2001), em seu artigo A Escola entre a Agonia Moral e Renovação Ética, discorrem sobre essa situação paradoxal que vive a escola. A sociedade assiste ao desabamento de várias formas de restrições práticas e relacionais que atuaram na regulamentação da sociabilidade, porém parece não encontrar fundamentação das relações em outras bases, que deveriam ser, nas novas circunstâncias, alcançadas por vias mais abertamente reflexivas e conscientes. Nesse sentido assevera:

Enquanto a sociedade assiste a uma ruptura entre considerações éticas e princípios estritamente morais, a escola custa para reconhecer importância da preocupação ética. Em meio a uma crise da educação moral, não consegue legitimar reflexões que, entretanto, fazem parte do cotidiano dos alunos e docentes (BARRERE; MARTUCCELI, 2001, p.258).

Continuando, os autores chamam a atenção para a falta de modelos éticos substantivos cujos resultados levam à incerteza, e com isso o indivíduo passa a adotar o malabarismo entre diferentes ideais distintos e até contraditórios. É nessa situação crítica que a escola se vê na

incumbência da transmissão dos valores morais à sociedade. Entretanto, o que se nota é o desaparecimento paulatino e progressivo do ensino da moral, a não ser de maneira fragmentada e sem nexos. A escola é o palco das promessas éticas, porém atravessa a crise dessa agonia moral.

Os docentes, que se tornam os responsáveis diretos para administrar essa crise, encontram-se em constrangimento constante:

Muitos docentes vivem o seu trabalho no dia a dia a expressão de uma crise profunda, pois não sentem mais continuidade entre suas tarefas pedagógicas cotidianas e sua inserção num projeto educativo consensual e forte. (...) Isso significa que a escola, num único e mesmo movimento, é simultaneamente o palco de uma crise moral e de uma transição inacabada rumo a uma primazia da ética que deve, ao mesmo tempo, aprender a reconhecer, estimular, e forjar (BARRERE; MARTUCCELI, 2001, p.275).

Numa reflexão mais cuidadosa, observa-se que a crise ético-moral vivida pela escola, na realidade, é uma extensão da crise vivenciada pela sociedade. Entretanto, torna-se mais evidente na escola, por ser esta o *locus* da transmissão dos valores que vem sofrendo um constante processo de instabilidade nos tempos atuais.

Mesmo diante da problemática exposta, a escola, que encarna o papel de transmissora e promotora da educação formal, pode ser considerada um agente indispensável na reprodução da cultura.

Já Piaget (1996, p.20), tratando da escola e da formação moral, coloca em evidência a chamada "escola ativa". Essa "escola" baseia-se na idéia de que as matérias a serem ensinadas não devem ser impostas de fora para dentro, mas devem ser descobertas pela criança por meio de investigação e de atividade espontânea.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento moral se realiza pela prática. Assim toda atenção de quem educa deve ser colocada sobre a atividade

do educando e não apenas sobre o seu discurso. E, asseverado, Piaget exemplifica:

(...) a educação forma um todo e a atividade que a criança executa com relação a cada uma das disciplinas escolares supõe um esforço de caráter e um conjunto de condutas morais, assim como supõe uma certa tensão da inteligência e mobilização de interesses (PIAGET, 1996, p.20).

No sentido em que o educando deve participar do seu próprio desenvolvimento, parece ser este o caminho mais razoável para a escola encetar e, desse modo, poder incentivar a postura crítica do educando diante das imposições das ciências ou da sociedade.

Ainda na discussão sobre a atitude da escola no desenvolvimento do aluno, Dewey (1973, p.41) oferece uma contribuição significativa. Para ele "o fim da educação não é vida completa mas vida progressiva, vida em constante ampliação, em constante ascensão."

O autor afirma ainda que "a vida cresce à medida que aumenta o conteúdo da experiência. Isso alarga o sentido da própria vida enriquecendo-a com idéias novas, novas distinções e novas percepções" (DEWEY, 1973, p.41).

Na mesma linha pedagógica da escola no que concerne a aquisição de conhecimento, vista em Dewey (1973), deveria incluir-se a aquisição dos valores morais. Esse é o raciocínio da educadora portuguesa Carita (1996, p.1). Para ela, os valores morais devem ser transmitidos pela escola dentro de uma visão desenvolvimentista, e não simplesmente como "treino moral" promovido no passado pela visão tradicional de educação moral. A escola deve reconhecer que o educando tem um pensamento moral a ser desenvolvido, e não impor regras externas independentes da sua individualidade.

Na opinião da autora, a escola sempre esteve comprometida com a educação moral, uma vez que a moralidade diz respeito às pessoas e seu relacionamento intensivo. Assim, de uma maneira ou de outra, a educação moral é abordada

ou promovida, intencionalmente, pelo currículo formal ou transmitida pelo chamado currículo oculto, cujo ensino ocorre não explicitamente. E, geralmente, na falta de uma nova visão da educação moral, a escola, mesmo que ocultamente, adota a visão tradicional.

Como se vê, essa teoria pedagógica tradicional de ensino parece trazer algumas contribuições positivas para a formação do aluno, especialmente no âmbito disciplinar e da responsabilidade do caráter, porém falha em relação ao seu desenvolvimento crítico. Isso acontece pela sua passividade em relação às normas impostas de fora para dentro. Não se leva em consideração que o aluno é uma pessoa moral.

Para que ocorra uma assimilação de conhecimentos de maneira democrática, no ponto de vista de Fazenda (1979), é necessário haver uma mudança na abordagem pedagógica da escola atual. Isso porque a escola estaria sofrendo influência da ocidentalização que adotou a divisão do saber. Nesse sentido Fazenda enfatiza:

A crise que atravessa a civilização contemporânea, buscando uma volta ao saber unificado, denota a existência de uma “patologia do saber”, efeito e causa da dissociação da existência humana no mundo em que vivemos. Isto nada mais é que a tentativa de preservar em toda a parte a integridade do pensamento para o restabelecimento de uma ordem perdida (FAZENDA, 1979, p.68).

Coincidindo com o pensamento de FAZENDA (1979), a educadora espanhola Moreno (2000), atribui a limitação da visão da escola atual à herança helênica na educação ocidental. Com o pensamento helênico houve uma supervalorização de algumas matérias em detrimento de outras. Segundo a autora, esses valores determinaram a ênfase das matérias do ensino atual. Assim, enquanto houve ênfase em Matemática, Línguas e Ciências Naturais, os valores humanos foram preteridos.

Deste modo, na opinião dos autores exemplificados neste trabalho, o enfoque da educação e da escola deve mudar, acreditando que a visão antiga pode não ser a única verdade absoluta.

Nesse sentido, Moreno (2000, p.35) sugere um desafio para a escola de hoje: “desmontar o edifício discriminatório dos gregos sem eliminar as coisas boas que eles nos proporcionaram.”

E justifica afirmando que homens e mulheres de hoje precisam saber por que vivem em uma sociedade que clama pela paz, pela igualdade de direitos e oportunidades, pela preservação e melhora do meio ambiente, por uma vida mais saudável e pelo desenvolvimento da afetividade que permita melhorar as relações interpessoais. Deste modo, poderá emergir uma sociedade que permita forjar personalidades autônomas e críticas, capazes de defender os seus direitos, respeitando, porém, a opinião dos demais. E a escola, desta maneira, cumprirá o seu papel de não somente informar, mas também formar cidadãos éticos e solidários.

REFERÊNCIAS

- BARRERE, A.; MARTUCCELLI, D. A Escola entre a agonia moral e a renovação ética. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas: Cedes, n.76, 2001
- CARITA, A. **Escola e Desenvolvimento Moral**. Palestra apresentada no Encontro de Educação e Desenvolvimento Regional (Pensar a Educação – Construir o Futuro). Loures: Portugal, 1996. Disponível em: <<http://www.apaginadaeducação.pt/arquivo/artigos/voo68.html>>. Acesso em: 20 jun. 2001.
- CASTANHO, M.E. A criatividade na sala de aula universitária. In: VEIGA, I.P.A.; CASTANHO, M.E. (Org.). **Pedagogia universitária: a aula em foco**. Campinas, Papirus, 2000.
- DEWEY, J. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- FAZENDA, I.C.A. **Integração e Interdisciplinariedade no Ensino Brasileiro – Efetividade ou ideologia**. São Paulo: edições Loyola, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOERGEN, P. Educação Moral: adestramento ou reflexão comunicativa? **Revista Educação e Sociedade**, Campinas: Cedes, n.76, 2001.

MARTINELLI, M. Ser é Ensinar. In: MARTINELLI, M. et al. **Ética, valores humanos e transformação**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1998.

MORENO, M. Temas transversais: um ensino voltado para o futuro. In: BUSQUETS, M.D. et al. **Temas transversais em educação**: bases para uma formação integral. São Paulo: Ática, 2000.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

NALINI, J.R. **Ética geral e profissional**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001.

PIAGET, J. Os procedimentos da Educação Moral. In: MACEDO, L. (Org.). **Cinco estudos de Educação Moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PUIG, J.M. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1998.

RODRIGUES, C.; SOUZA, H. **Ética e cidadania**. São Paulo: Moderna, 1994.

VÁZQUEZ, A.S. **Ética**. 20. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.